

UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO GÊNERO AUTÓGRAFO DEDICADO PELO ESCRITOR PERNAMBUCANO GILVAN LEMOS A UM LEITOR

Samuel Lira de Oliveira¹
Robson Anselmo Tavares de Melo²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo basilar discutir sobre o gênero autógrafo, tendo como material de pesquisa os autógrafos dedicados pelo escritor pernambucano Gilvan Lemos a um leitor ao longo das décadas de 1990 e 2000. São dedicatórias tanto de obras de autoria do próprio Lemos quanto de outros autores ofertadas por ele ao respectivo leitor. Como aporte teórico, empregamos os estudos dialógico/interacionista desenvolvidos pelo ciclo de estudos liderados pelo russo Mikhail Bakhtin. O dialogismo desenvolvido pelo ciclo bakhiniano procura explicar a língua como o mecanismo de interação textual, isto é, homem a homem – princípio da alteridade. Dessa forma, tal princípio não está circunscrito a apenas uma realidade linguística; mas, sim, em constante ação/fluxo em várias esferas de comunicação tanto escritas quanto orais; tanto da esfera cotidiana quanto na literária. O signo é pensado como dialógico e tem o diálogo *in loco* ou não como ponto nevrálgico. Ademais, ressaltamos que uma das características centrais da fabulação de Gilvan Lemos é luta contra a incomunicabilidade de suas personagens.

Palavras-chave: Autógrafo. Gilvan Lemos. Dialogismo. Alteridade.

Introdução

Os autógrafos foram dedicados a um leitor pelo escritor Gilvan Lemos (1929-2015) no espaço de tempo entre 2001 a 2015. A fim de discutirmos mais especificamente sobre o gênero autógrafo, faz-se necessário expor sobre o conceito de gênero na perspectiva bakhtiniana, já que o concebemos como gênero:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela

¹ Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Professor da Rede Pública e Privado do Estado de Pernambuco tanto do Ensino Básico quanto o Superior. Atual também como técnico-formador de Língua Portuguesa pela (GEPAF/SEE-PE). Destacamos que o referido profissional é o leitor a quem Gilvan Lemos dedicou os autógrafos.

² Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Professor da Rede Pública e Privado do Estado de Pernambuco tanto do Ensino Básico quanto o Superior. Atual também como técnico-formador de Língua Portuguesa pela (GEPAF/SEE-PE). Atualmente, faz Pós-Doutorado pela Universidade Católica de Pernambuco.



especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 277).

Dessa forma, para Bakhtin (2003, p. 277) a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Ele destaca ainda que cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a 280 diversidades que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas).

Sendo o autógrafo um texto que se caracteriza, comumente, por possuir a assinatura de uma pessoa “célebre”, efetiva-se através de uma forma que a distingue, portanto, de outros textos, tornando também singular. Logo, enquadramo-lo como um gênero do discurso. Ele se porta como um texto de considerável dialogicidade uma vez que enunciado/texto e receptor estão em relação direta através da palavra escrita, sua tessitura deu-se/dá-se em geral *in loco* produtor-texto-receptor numa relação de cronotopia, pois se realiza em um determinado tempo e espaço.

Bakhtin (2003) ainda afirma que a palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra (tarefa esta que não existe quando se trata da palavra própria, ou então existe numa acepção muito diferente). Essa redistribuição de tudo o que está expresso na palavra, e que dota cada ser humano do pequeno mundo constituído de suas palavras. No que concerne ao autógrafo, a palavra do outro nos interessa, pois seria a redistribuição do que se expressa do enunciatador ao receptor em um dado momento a fim de tomar dimensões atemporais.

Brait (2009) pontua que, para Bakhtin/Voloshinov, a língua é inscrita de modo dialético, em uma referência universal, terreno comum de todos, mas ao mesmo tempo heterogênea minada pela divisão heteroglóssica dos sujeitos que se reconhecem por meio dela nas diferentes esferas da produção, no cotidiano da vida, como por exemplo, nas fábricas, nas vilas, nas cooperativas nos sindicatos, nas escolas, etc.

Nesse sentido, a língua caracteriza-se, então, como um veículo vivo do campo inter-relação social. Para a autora (2009), Bakhtin/Voloshinov não separam a língua/dialética e práxis, pois esses três elementos estão imbricados no dialogismo social.

Assim, como outros gêneros os autógrafos, diferentes discursos, tais como o religioso, o político, o filosófico e o próprio da tradição literária, pode coexistir em único espaço discursivo, o texto. Torna-se, dessa forma, relevante analisar como diferentes discursos se materializam e se inter-relacionam em um determinado texto. Bakhtin/Volochinov (2006) defende ainda que a palavra é uma espécie de ponte lançada entre o locutor e o interlocutor, definindo assim a língua, em sua materialidade concreta, um e interacional dialogando o uso real com natureza dialógica.

2. Quem foi o escritor Gilvan Lemos?

De todos os que escrevemos romances no nordeste, Gilvan Lemos é aquele que mais consegue a justa medida no jogo do personagem situado entre o mundo íntimo e o mundo em que o rodeia. (FILHO, Hermilo Borba. Movimento, São Paulo, p. 24, 06 de out. de 1975).

O escritor Gilvan de Souza Lemos nasceu no dia 01 de julho de 1928 na cidade de São Bento do Una (PE). Faleceu no dia 01 de agosto de 2015 em Recife-PE. Filho de Joaquim de Oliveira Lemos e Tereza Valença de Souza Lemos. Aos sete anos de idade, faz sua *'Primeira Comunhão'*. Menino de família humilde, bisneto de portugueses, tem uma vida normal como todos os outros garotos da cidade. Amava jogar futebol, torcedor fanático do Santa Cruz Futebol Clube, Pernambuco. Foi destaque nos jornais quando o *Guarani Futebol Clube* venceu o *Comércio Futebol Clube* de São Bento do Una por 1X0. (MIMEO, s/d).

Por muito tempo se falou sobre o estilo literário do escritor Gilvan Lemos. Alguns dizem que ele é da geração de 30, mas o próprio autor não concordava, pelo fato de escrever sobre as coisas da sua infância, da sua vida na cidade onde nasceu. Vem da vida que teve em São Bento. Nasceu e se criou naquela cidade.

Para o autor, sua obra apresenta forte caráter autobiográfico. Explica que este suposto neo-regionalismo deve ter vindo daí. Diz ainda que veio para o Recife em 1949, com 21 anos de idade incompletos, antes havia deixado São Bento apenas por quatro meses, em 1943, ele precisou vir para a capital tratar de um problema nos olhos. Ele sofria de *"conjuntivite primaveril"*, doença a qual as crianças são mais suscetíveis. Há uma personagem em seu livro que tem essa doença. Explica que as lembranças sempre foram importantes nas suas obras.

2.1 Gilvan Lemos

O escritor *Gilvan Lemos* era leitor assíduo dos livros de *Gabriel García Márques*, este com mais de 40 milhões de livros vendidos em 36 idiomas. Recentemente Oliveira (2019) escreveu no livro *"Quatro Olhares Dialógicos"* a história do fundador da empresa Cacau Show; discorreu um fragmento do livro, *"A menina que fez a América"*, da escritora Ilka Brunhilde Laurito (2002) onde a autora aborda que vai morrer um dia, porque tudo o que nasce também morre, dando como exemplo, bicho, planta, mulher, homem.

Pois, segundo a autora (2002), as histórias podem durar depois de nós, basta que sejam postas em folhas de papel e que suas letras mortas sejam ressuscitadas por olhos que saibam ler. Nesse sentido, discorrendo pelos textos das Olimpíadas de Língua Portuguesa, observamos que existem situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós; em outras, que a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som, de onde vem nossa necessidade de lembrar? Por que a lembrança se impõe até mesmo quando não temos intenção de recordar.

Assim, trazem-se algumas recordações para uma análise dos autógrafos que o escritor Gilvan Lemos escreveu para um leitor. Mas o que é memória? Podemos dá como exemplo o que relata o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, onde diz que memória é *"aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência"*. De acordo com um provérbio latino ainda citado nos dias de hoje, *"as palavras voam, mas os escritos ficam"*. Nesse sentido, apresenta-se nesse texto os autógrafos que o escritor Gilvan Lemos dedicou a um leitor. Foram 51 autógrafos, onde ao longo dos anos foram escritos de acordo com a interação que era desenvolvida. Infelizmente a primeira edição do livro *"Noturno se Música"* não foi autografada, pois somente foi adquirida após o falecimento do escritor Gilvan Lemos.

3. Conceito de autógrafo: gênero e significado

O dicionário eletrônico³ (2021) afirma que o autógrafo se refere à assinatura de uma **pessoa** feita à mão. Este, segundo o referido dicionário, termo vem do latim e é formado

³ Texto extraído do Dicionário Eletrônico: <https://conceitos.com/autografo/>. Em 19.07.2021.



por duas palavras, o prefixo auto que significa próprio ou de si mesmo, e o sufixo grafo que quer dizer escrita. O autógrafo significa algo mais do que uma simples assinatura em um **documento**, pois estabelece a prova de que seu autor é alguém famoso, ilustre ou reconhecido socialmente; conseqüentemente, sua assinatura feita em algum papel, camiseta ou **objeto** qualquer revela o contato com a celebridade.

Neste sentido, o autógrafo, afirma o dicionário (2021), possui um valor simbólico inquestionável, em casos excepcionais pode ter inclusive um valor econômico, como mostram os leilões que levam os autógrafos de famosos em suas peças de grande valor a serem vendidas.

3. 1 Os caçadores de autógrafos

De acordo com o referido dicionário (2021), vivemos em uma sociedade midiática, da qual personagens famosos apresentam um especial protagonismo nos meios de comunicação. Estes personagens são esportistas, cantores, atores, atrizes, ou melhor, celebridades. O fato de ter o autógrafo de algum deles estabelece a posse de um objeto especial e é neste contexto que aparecem os caçadores de autógrafos. Este termo é uma tradução literal do inglês “autograph hunters” e que se tornou um fenômeno global. Se além do autógrafo houver alguma dedicatória especial do famoso, o caçador de autógrafos será considerado exclusivo neste sentido. Assim, pode-se valorizar o autógrafo como uma peça de colecionador. Do ponto de vista psicológico, a assinatura de um famoso possui certo componente fetichista. O caçador de autógrafos **tradicional** costuma ser um adolescente e quando este gosto é levado ao extremo passa a ser considerado fanatismo.

3.2 Autógrafos e o fenômeno dos fãs

O fenômeno, discorre o dicionário (2021), fã surgiu nos Estados Unidos e esteve sempre relacionado ao mundo dos espetáculos nas primeiras décadas do século XX, posteriormente se estendeu também ao mundo esportivo. Todo fã admira seus ídolos e o fato de conseguir um autógrafo deste famoso é considerado algo superespecial, uma **espécie** de conquista de um tesouro. Este fenômeno de ser fã é algo relativamente recente do ponto de vista histórico, mesmo assim obedece a uma **inclinação** mais antiga: a idolatria de **herói**. Esta admiração já existia entre os gregos e valorizava os campeões olímpicos.

4. Percurso metodológico

Como já destacado, buscou-se analisar o dialogismo presente nos autógrafos do escritor pernambucano Gilvan Lemos ofertado ao escritor Oliveira. Como se pode observar, a pesquisa sobre o gênero memória os quais serão analisados é de grande relevância para este artigo. É também de extrema relevância nos estudos linguísticos pela sua natureza constitutiva de toda produção textual nos estudos de Bakhtin (século XX).

Este estudo tem a intenção de investigar indícios de dialogicidade bakhtiniana nos autógrafos do escritor pernambucano Gilvan Lemos ofertado ao um leitor. O propósito consiste em contribuir para a formação de leitores críticos, capazes de reconhecer no gênero autógrafo, marcas do intercâmbio dialógico.

Pretende-se, com esta investigação, descrever as relações presentes entre o gênero autógrafo e o dialogismo bakhtiniano.

Observar a dialogicidade e investigar que tipo(s) de relação (ões), interdiscursiva(s) e dialógica(s) aparece(m) nos autógrafos.

Este estudo está distribuído em considerações iniciais e finais, mostrando ao leitor o ponto de partida e o caminho do qual partiram as reflexões que foram desenvolvidas nos capítulos

deste trabalho, especificando o pensamento de grandes escritores que se debruçaram no conceito de dialogicidade com destaque para o filósofo russo Bakhtin. Na seção 6, será apresentada a análise dos dados, a partir da visão dialógica de Bakhtin, apresentando indícios de que há dialogicidade nos autógrafos do escritor pernambucano Gilvan Lemos ofertado a um leitor. Por fim, serão evidenciadas as considerações finais. Os autógrafos serão elencados obedecendo a uma ordem cronológica – 2000 a 2015.

5. Títulos dos livros, sua edição, ano e os autógrafos ao leitor e escritor Samuel Oliveira com suas respectivas datas

Elencamos a seguir a lista de autógrafos com seus respectivos textos ofertados ao leitor e escritor Oliveira no período compreendido entre 2001 a 2015. Salientamos que são autógrafos não apenas de textos escritos por Gilvan Lemos (47 de sua autoria) mas também de textos em que Lemos participou ou como coautor ou como autor de uma contracapa ou ainda como presente ao leitor e escritor Oliveira (5 textos), de um livro que ele se interessou para ofertar ao amigo. Totaliza-se assim em 52 textos divididos em duas subseções:

5. 1 Autógrafos de textos de autoria de Gilvan Lemos

1. Juntaí Menino, 2ª edição, Edições Bagaço 1995.

“A Samuel Lira, bom amigo, a quem devo tantas atenções, grato para sempre. Gilvan Lemos. Recife, maio//2001”.

2. A Lenda dos Cem, Editora Civilização Brasileira, 1995

“Ao amigo Samuel Lira, com a amizade de Gilvan Lemos. Recife, junho/2001”

3. Neblinas e Sereno, Editora Bagaço, 1994

“Ao amigo Samuel Lira, com a amizade de Gilvan Lemos. Recife, junho/2001”

4. Vingança de Desvalidos, Editora Nossa Livraria, 2001.

“A Samuel Lira, já velho amigo ”de mesmo”, com grande satisfação, Gilvan Lemos. Recife, junho//2001”.

5. Morcego Cego, Editora Record, 1997.

“Samuel, bom amigo: Eis o esperado. Espero que o aprecie indignamente. Gilvan Lemos. Recife, 21/05/02”.

6. Os Pardais Estão Voltando, Editora Guararapes, 1983.

“Para Samuel, que de modo original readquire os Pardais, com o abraço amigo de Gilvan Lemos. Recife, maio/2002”.

7. Verde Vale, Obra Aberta, 1996.

“Samuel, este livreco foi lançado na homenagem que me prestaram nos meus 70 anos. Oe, você me homenageia adquirindo-o. Gilvan Lemos. Recife, Nov./2002”.

8. Juntaí Menino, Edições O Cruzeiro 1968.

“Samuel, meu caro amigo: Este é o “antigo” Juntaí Curumim” que com esse título mereceu dois prêmios, mas que o editor resolveu traduzir o “Curumim”.

Recife dezembro/2002”.



10. Espaço Terrestre, Editora Civilização Brasileira, 1993.

“ Para Samuel Oliveira, a amizade de Gilvan Lemos. Recife, dez./2002 ”.

11. Morte ao Invasor, Editora Francisco Alves, 1984.

“Ao grande amigo Samuel Oliveira, passivo INVASOR, com o abraço de Gilvan Lemos. Recife, dez./2002”.

12. Emissários do Diabo, Editora Civilização Brasileira, 1987.

“ Samuel, parece que quem lhe autografou foi “Branquinha”, mesmo assim eu assino embaixo. Gilvan Lemos. Recife, dez./2002”.

13. O Defunto Aventureiro, Editora Bagaço, 1994

“ Para Samuel que muito me honra com sua preferência, Gilvan Lemos Recife, maio/2002”

14. Enquanto o rio dorme, Editora Bagaço 1993.

“ Para Samuel ler este livro sem dormir (quem dorme é o rio), Gilvan Lemos Recife dezembro/2002 ”.

15. Os olhos da treva, Editora Civilização Brasileira 1975.

“ Para Samuel, incansável caçador de livros velhos, esta pobre recompensa. Gilvan Lemos. Recife, dez./2002.’.

16. Noturno sem Música, 2ª edição, Edições Bagaço 1996.

Ao especial amigo Samuel, as venturas e desventuras do meu primeiro romance. Gilvan Lemos. Recife, maio//2002”.

17. O Defunto Aventureiro, Editora Universitária, 1994.

“ Amigo Samuel Oliveira, desculpe-me, mas acho que o defunto agora sou eu (sem aventuras). Um abraço (vivo). Gilvan Lemos. Recife, dez./2002.’.

18. Cecília entre os leões, Edições Bagaço 1994.

“ Para Samuel que não se cansa de me ler- o que é de fato admirável-, com a amizade Gilvan Lemos. Recife, maio//2002”.

19. Neblinas e Sereno, Edições Bagaço, 1994

“Ao amigo Samuel Lira, com a amizade sincera de Gilvan Lemos. Recife, junho/2002”..

20. Os que se foram lutando, Editora Artenova, 1976.

“ Samuel meu caro: Deixe permanecer o oferecimento acima. Narciso foi grande amigo meu. Por certo, ao morrer, saquearam-lhe a biblioteca. Gilvan Lemos. Recife, dez//2002”.

21. A Noite dos Abraçados, Editora Globo, 1975.

“ Samuel Oliveira, desejo que se contente com as fuxicadas das novelas deste livro. Gilvan Lemos. Recife, dez./2002”.

22. A Inocente Farsa da Vingança, Editora Estação Liberdade, 1991.

“ Samuel meu prezado: Aqui seriam dois livros um de contos, outro de novelas. Aqui também, o editor contrariou minha vontade quanto ao título eu referia O MAR EXISTE. Gilvan Lemos. Recife, /2002”.

23. O Anjo do Quarto Dia, 3ª edição, Edições Bagaço 2002.

“ Ao amigo Samuel Lira, que muito me honra pelo interesse pela minha obra literária,



agradecido, Gilvan Lemos. Recife, jan./2003”.

24. Os Pardais Estão Voltando, Editora Guararapes, 1983.

“ Samuel, amigo: que os pardais jamais voltem a nos azucrinar o juízo. Gilvan Lemos. Recife, jan./2003”.

25. Largo da Alegria, Edições Bagaço 2003.

“ Ao querido amigo Samuel (desculpe minhas grosserias), com muita atenção e carinho. Gilvan Lemos. Recife, 06/10/03”.

26. Espaço Terrestre, 2ª edição, Edições Bagaço 1993.

“ Ao caro amigo- Samuel Oliveira- que muito me honra em se ocupar em juntar meus pedaços com o desejo de um venturoso 2003, Gilvan Lemos. Recife, 3 de janeiro de 2003”.

27. Onde Morrem os Sonhos, Editora Nossa Livraria, 2003.

“ Ao prezado amigo Samuel, fiel companheiro, “ parceiro da vida literária”, com a amizade de Gilvan Lemos. Recife, agosto/2003”.

28. A Era dos Besouros, A Girafa Editora, 2006.

“ Para Samuel Oliveira, velho amigo, com a amizade de Gilvan Lemos. Recife, dez./2006 ”.

29. Os olhos da treva, Editora Círculo do livro 1995.

“ Para o amigo Samuel conservar mais esta “pérola” do seu admirador, Gilvan Lemos. Recife, março/2007.

30. O Anjo do Quarto Dia, Editora Globo 1981.

“ Para Samuel Lira, que também é Oliveira, como eu, com a amizade sincera de Gilvan Lemos. Recife, fev./2007”.

31. Emissários do Diabo, Editora Civilização Brasileira, 1968.

“ Ao grande amigo Samuel Lira, certo de que mais este livro será guardado com carinho. Gilvan Lemos. Recife, março//2007”.

32. Neblinas e Sereno, Edições Bagaço, 1994

“ Ao grande amigo Samuel Lira (o Samuca como meu sobrinho-bisneto), com o forte abraço de Gilvan Lemos. Recife, maio./2007”.

33. Na Rua Padre Silva, Editora Nossa Livraria, 2007.

“ Ao Samuel, velho amigo, sua esposa e filho, sinceramente. Gilvan Lemos. Recife, outubro/2007”.

34. Emissários do Diabo, Editora Civilização Brasileira, 1974.

“ Para o amigo Samuel Lira, que lutou para conseguir este volume, com gratidão e orgulho, Gilvan Lemos. Recife, fev/2007”.

35. A Lenda dos Cem, Edições Bagaço , 2005.

“ Para Samuel Lira, que muito me honra com sua admiração por mim, (e naturalmente com sua amizade). Gilvan Lemos. Recife, abril /2007”.

36. Espaço Terrestre, 2ª edição, Editora Bagaço 2008.

“Para Samuel Lira, amigo inigualável, com a estima gratidão de Gilvan Lemos Recife, julho/2008”

37. Espaço Terrestre, 2ª edição, Editora Bagaço 2008.



“ Para Samuel Lira, especial colecionador dos meus livros, Gilvan Lemos.

Recife, julho/2008.

38. Cecília entre os leões, 3ª edição, Edições Bagaço 2006.

“ Em vez de Josué- SAMUEL

Ao amigo e companheiro Josué, sempre me honrando com sua bondade, mais uma lembrança de Gilvan Lemos. Recife, junho//2008”.

39. Os Melhores Contos de Gilvan Lemos, Editora Nossa Livraria, 2009.

“ Para Samuel Lira (velho amigo SAMUCA), sinceramente. Gilvan Lemos. Recife, junho//2010”.

40. Sete Ranchos, Editora Nossa Livraria, 2010.

“ Ao amigo Samuel, irmão de opa, com a amizade de Gilvan Lemos. Recife, dez.//2010”.

41. O Anjo do Quarto Dia, 4ª edição, Cepe Editora 2014.

“Para Samuel, velho amigo SAMUCA, uma lembrança eterna de Gilvan Lemos. Recife, 13/10/13”.

42. O Anjo do Quarto Dia, 4ª edição, Editora Bagaço 2014.

Ao amigo e colega SAMUEL, com a satisfação de nossa convivência e o forte abraço de amizade de Gilvan Lemos. Recife, 20 de julho de 2014

43. O Anjo do Quarto Dia, 4ª edição, Editora Globo, 1981.

“Para Samuel, amigo de toda hora, uma lembrança de seu admirador. Gilvan Lemos. Recife, 11/08/14”.

44. Emissários do Diabo, Editora Civilização Brasileira, 1968.

”Ao amigo Samuel, com a amizade de Gilvan Lemos. Recife, 29/11/14”.

45. O Defunto Aventureiro, 3ª edição, Edições Bagaço 2008.

“ Para Samuel Lira, amigo a toda prova o que muito me engrandece, com o forte abraço de Gilvan Lemos. Recife, 22//2015”.

46. Os Olhos da Treva, 2ª edição, Cepe Editora, 2012.

“ Para Samuel, estimado Samuca, com toda consideração, Gilvan Lemos. Recife, fev./2013 ”.

47. Emissários do Diabo, 4ª edição, Cepe Editora, 2013.

“ Samuel, velho amigo, mais uma lembrança (eterna) de Gilvan Lemos. Recife, 13/10/13”.

5. 2 Os autógrafos dos livros a seguir são antologias que o escritor Gilvan Lemos participou. Não sendo de sua autoria

48. Erkundungen 38 brasilianische Eezähler, 1988.

“ Ao amigo ímpar Samuel, a única pessoa que recebeu de mim este volume. Gilvan Lemos. Recife, fev./2007”.

49. Protesto

E o novo romance brasileiro, Editora da UFScar, 1995

“Para Samuel, companheiro da literatura, com a amizade de Gilvan Lemos. Recife, 29/11/14

”.

50. Antologia do Conto Nordestino, Editora Micro, 1998

“ Para Samuel, com a amizade de Gilvan Lemos. Recife, 9/5./15 ”.

51. Ficção

História para o prazer da Leitura, Editora Abril de 1976 Nº 5

Samuel, leia mais este

Gilvan Lemos.

52. Osman Lins

O matemático da prosa, Coleção Malungo vol. 8, 2003

Para Samuel, que muito me honra com a sua amizade, Gilvan Lemos. Recife, 31/5./15 ”.

6. Análise

Como já exposto desde as primeiras linhas deste texto, nosso foco principal é analisar à luz dos conhecimentos linguísticos do ciclo bakhtiniano o gênero autógrafo evidenciando a dialogicidade presente nele. Destacando assim a relação de alteridade presente em tal gênero. Assim, foram analisados os 20 (vinte) primeiros autógrafos dos 52 (cinquenta e dois) da seção anterior. Fizemos tal seleção dada à quantidade de textos para que pudéssemos melhor atender à demanda investigativa.

Destacamos que não só no sentido de aprofundar a compreensão sobre pontos que mereciam esclarecimentos, como também, de apontar e desenvolver indicativos que pudessem apontar sua tessitura composicional (escolha lexical). Percebemos o quão de afeto encontrasse na referida tessitura presente que se dá/deu através da interação verbal: autor/leitor.

Uma construção textual que se distingue pelo caráter de proximidade que se revela nas frases compositoras. Acreditamos que o gênero em questão pretende dialogar com outros documentos da sociedade, porém mantendo a peculiaridade que lhe é singular. Desse modo, estabelece-se como um verdadeiro elo na cadeia do discurso ininterrupto, conforme destaca Bakhtin (2006), no caso em questão de amizade e proximidade a qual é pontuada na relação entre o autor - escritor Gilvan Lemos - e o seu leitor – o também escritor Samuel Oliveira – o qual além de desempenhar tal função, acrescenta-se à questão da relação de amizade entre ambos o que favorece ainda mais a proximidade na elaboração textual – contexto real.

Assim, destaca Bakhtin (2006, p. 114) Qualquer que seja o aspecto da expressão enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*. Com efeito, segundo o autor (2006, p. 114) a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor.

Ressaltamos que, na interação verbal observada, através do respectivo gênero, de Lemos para Oliveira. Mesmo que, em cronotopia distintas (entre 2001 a 2015), a “barreira” da formalidade em vários momentos se esvai, dando lugar a proximidade. Destacamos que dos 20 (vinte) autógrafos selecionados apenas em 6 (seis: [as de número: 7, 11, 12, 13, 14 e 20]) deles as palavras *amigo/amizade* não aparecem. Elencamos a seguir os vinte autógrafos com os seus respectivos títulos dos livros em ordem cronológica (destacamos as palavras *amigo/amizade*):

1. Juntaí Menino, 2ª edição, Edições Bagaço 1995.

“ A Samuel Lira, bom amigo, a quem devo tantas atenções, grato para sempre. Gilvan Lemos. Recife, maio//2001”.



2. A Lenda dos Cem, Editora Civilização Brasileira, 1995

“Ao amigo Samuel Lira, com a amizade de Gilvan Lemos.
Recife, junho/2001”

3. Neblinas e Sereno, Editora Bagaço, 1994

“Ao amigo Samuel Lira, com a amizade de Gilvan Lemos.
Recife, junho/2001”

4. Vingança de Desvalidos, Editora Nossa Livraria, 2001.

“ A Samuel Lira, já velho amigo ”de mesmo”, com grande satisfação, Gilvan Lemos. Recife, junho//2001”.

5. Morcego Cego, Editora Record, 1997.

“ Samuel, bom amigo: Eis o esperado. Espero que o aprecie indignamente. Gilvan Lemos.
Recife, 21/05/02”.

6. Os Pardais Estão Voltando, Editora Guararapes, 1983.

“ Para Samuel, que de modo original readquire os Pardais, com o abraço amigo de Gilvan Lemos. Recife, maio/2002”.

7. Verde Vale, Obra Aberta, 1996.

“ Samuel, este livreco foi lançado na homenagem que me prestaram nos meus 70 anos. Oe, você me homenageia adquirindo-o. Gilvan Lemos. Recife, Nov./2002”.

8. Juntaí Menino, Edições O Cruzeiro 1968.

“Samuel, meu caro amigo: Este é o “antigo” Juntaí Curumim” que com esse título mereceu dois prêmios, mas que o editor resolveu traduzir o “Curumim”.
Recife dezembro/2002”.

9. Espaço Terrestre, Editora Civilização Brasileira, 1993.

“ Para Samuel Oliveira, a amizade de Gilvan Lemos. Recife, dez./2002 ”.

10. Morte ao Invasor, Editora Francisco Alves, 1984.

“Ao grande amigo Samuel Oliveira, passivo INVASOR, com o abraço de Gilvan Lemos.
Recife, dez./2002”.

11. Emissários do Diabo, Editora Civilização Brasileira, 1987.

“ Samuel, parece que quem lhe autografou foi “Branquinha”, mesmo assim eu assino embaixo. Gilvan Lemos. Recife, dez./2002”.

12. O Defunto Aventureiro, Editora Bagaço, 1994

“ Para Samuel que muito me honra com sua preferência, Gilvan Lemos
Recife, maio/2002”

13. Enquanto o rio dorme, Editora Bagaço 1993.

“ Para Samuel ler este livro sem dormir (quem dorme é o rio), Gilvan Lemos
Recife dezembro/2002 ”.

14. Os olhos da treva, Editora Civilização Brasileira 1975.

“ Para Samuel, incansável caçador de livros velhos, esta pobre recompensa. Gilvan Lemos.
Recife, dez./2002. ’.

15. Noturno sem Música, 2ª edição, Edições Bagaço 1996.

Ao especial **amigo** Samuel, as venturas e desventuras do meu primeiro romance. Gilvan Lemos. Recife, maio//2002”.

16. O Defunto Aventureiro, Editora Universitária, 1994.

“ **Amigo** Samuel Oliveira, desculpe-me, mas acho que o defunto agora sou eu (sem aventuras). Um abraço (vivo). Gilvan Lemos. Recife, dez./2002.’.

17. Cecília entre os leões, Edições Bagaço 1994.

“ Para Samuel que não se cansa de me ler- o que é de fato admirável-, com a **amizade** Gilvan Lemos. Recife, maio//2002”.

18. Neblinas e Sereno, Edições Bagaço, 1994

“Ao **amigo** Samuel Lira, com a amizade sincera de Gilvan Lemos. Recife, junho/2002”..

19. Os que se foram lutando, Editora Artenova, 1976.

“ Samuel meu caro: Deixe permanecer o oferecimento acima. Narciso foi grande **amigo** meu. Por certo, ao morrer, saquearam-lhe a biblioteca. Gilvan Lemos. Recife, dez//2002”.

20. A Noite dos Abraçados, Editora Globo, 1975.

“ Samuel Oliveira, desejo que se contente com as fuxicadas das novelas deste livro. Gilvan Lemos. Recife, dez./2002

Consoante Bakhtin (2006, p. 115) Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos engloba. Assim, segundo ele, na maior parte dos casos, é preciso supor, além disso, um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito.

Considerações finais

O teórico russo Bakhtin, afirma que predomina na pesquisa algo como o medo do risco, o medo de arriscar uma hipótese. Cita ainda que a ciência literária é uma ciência jovem que não dispõe de métodos sólidos e comprovados pela prática, como os das ciências exatas. Por isso, a ausência da menor luta entre as tendências e o medo ante a menor hipótese audaciosa levam ao reinado do truísmo e do clichê, o que não nos falta (BAKHTIN, 1997. p.362).

O autor (2002) afirma ainda que o Adão mítico chegou com a primeira palavra num mundo virgem, para ele, Adão não evitou o que hoje faz parte da humanidade: o discurso alheio. Afirma ainda que falar no personagem Adão, teve que beber nos autógrafos, mostrando assim, que a palavra é dialógica.

Através da leitura dos autógrafos do escritor pernambucano Gilvan Lemos, observou-se que vários pontos defendidos por Bakhtin como o discurso de outrem estão presentes na construção dos referidos autógrafos, os quais são de importantíssimo valor na formação da linguagem.

No contexto dialógico, percebe-se que o escritor Gilvan Lemos ao criar seus autógrafos faz uma interação verbal e uma reflexão sobre o poder da linguagem, pois sabe-se que ela está no cerne das relações humanas.



A escolha do gênero autógrafo foi feita pelo motivo que o teórico russo (2002) diz que um gênero que abarca diferentes gêneros tanto literários quanto extraliterários, mostrando assim, que o contato com a teoria bakhtiniana vem sustentar a análise dos textos selecionados, mostrando que o gênero textual |autógrafo pertence a um simples diálogo, pois tudo é dialógico, tendo o outro como fim.

Referências

AUTÓGRAFO. **Conceito, o que é, Significado.** <https://conceitos.com/autografo/>. Extraído em 19.07.2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** Trad. Paulo Bezerra et. Al. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997/2003.

BAKHTIN, Mikhail./ VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 9ª ed. São Paulo, Hucitec, 1981-2002 (1ª. ed.1929-1986).

_____. **Questões de Literatura e de Estética:** a teoria do romance. Trad. Autora Fortini et. AL. 5ª Ed. São Paulo Hucitec, 2002.

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi- 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006. BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e Filosofia da linguagem.** Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi- 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006. BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BRAIT, Beth (org.) BAKHTIN, **Dialogismo e Construção do Sentido.** São Paulo: Unicamp, 2007.

_____ (org.) **Bakhtin conceito-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.